

BASTIDORES

Jovens no cipoal da crise

O que os brasileiros já sentem na pele, a pesquisa Juventude e Trabalho do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) constata em números espantosos. Entre 2014 e 2019, jovens de 15 a 29 anos perderam 14% da renda proveniente do trabalho.

BASTIDORES

Raimundo Borges
bastidores@oimparcial.com.br



Jovens no cipoal da crise

O que os brasileiros já sentem na pele, a pesquisa Juventude e Trabalho do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV) constata em números espantosos. Entre 2014 e 2019, jovens de 15 a 29 anos perderam 14% da renda proveniente do trabalho. Sem dúvida, a parcela da população mais impactada com a crise nos últimos cinco anos. Entre os jovens mais pobres, esse percentual chegou a 24% e, entre analfabetos, 51%! É um dado tão preocupante quanto dependente de ação urgente.

Se a população jovem vem perdendo renda no trabalho, o que dizer da faixa acima dos 50 anos? O lado cruel revelado pela pesquisa é um retrato sem retoque da desigualdade. O diretor da FGV Social, Marcelo Neri aponta que, só com educação de qualidade é possível reverter esse cenário. “Não se pode errar na educação”, ensina Neri.

Outro dado sério: Enquanto grupos de excluídos como analfabetos, negros e moradores do Norte e Nordeste e das periferias apresentam reduções de renda pelos menos duas vezes maior que a da média geral nesse período de crise econômica no Brasil, esta perda foi cinco vezes maior entre jovens de 20 a 24 anos. Eles foram afetados pelo desemprego, a precarização do trabalho na informalidade e na redução de salário. No meio desse cenário, está a descrença dos jovens. Cerca de 30% deles não acreditam em perspectiva de ascensão no trabalho. No Peru, por exemplo, esse percentual é de apenas 3%.

As ferramentas do jovem de inserção, que na verdade são as ferramentas de propulsão da economia, educação e trabalho, na visão deles tais elementos estão aquém do que precisam. Descrentes, o percentual dos chamados “nem-nem”, ou seja, aqueles que não estudam, nem trabalham passou de 23,4% em 2014 para 26,2% em 2019. Entre os jovens que são chefes de família, o percentual cresceu de 15,19% para 22,67% no período. Entre mulheres, passou de 27,84% para 30,25%. É uma conta perversa que não pode se sustentar por mais tempo.